

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 1) Jan. 2022

ARTE PALEOLÍTICA EM AMBIENTE GRANÍTICO NO VALE DO CÔA

6

19

**Porcelana chinesa
de Santa Clara-a-Velha**

**Os grafitos molinológicos
como objecto de estudo
etnoarqueológico**

**A ponte medieval do
Burgo de Vouga**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Pormenor da zona central da garganta da Faia, no Vale do Côa, onde se sinalizam as rochas gravadas n.ºs 6 e 19. A última é dada a conhecer nesta edição e confere um renovado interesse ao único local de geologia granítica com arte paleolítica conhecido no mundo.

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 25, tomo 1, Janeiro 2022

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.ptDistribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neóepica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número | Miguel Almeida, Lara Bacelar Alves, Luísa Batalha, Vera Caetano, Andreia Campôa, Guilherme Cardoso, João Muralha Cardoso, Fábio Capela, Bárbara Carvalho,

Vânia Carvalho, António Chény, Maria João Coelho, Mónica Corga, Miguel Filipe Correia, Luca Antonio Dimuccio, José d'Encarnação, Isabel Cristina Fernandes, Cristina Gameiro, Vanessa Gaspar, Telmo Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, António Gonzalez, Jéssica Iglésias, Catarina Cunha Leal, Paulo Lemos, Luís Seabra Lopes, Armando Lucena, Rui Morgado, Manuel Nunes, Dina Borges Pereira, Franklin Pereira, Adelaide Pinto,

Eduardo Porfírio, Nuno Ramos, Jorge Raposo, José Rebelo, Mário Reis, Jorge Resende, Maria do Céu Santos, Michelle Teixeira Santos, Miguel Serra, Sofia Silva, Rafael Sousa, Humberto Veríssimo e Maurizio Zambaldi.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Há precisamente um ano, no final de Janeiro de 2021, recebemos com surpresa e consternação a notícia da morte de Bruno Navarro, Presidente do Conselho Directivo da Fundação Côa Parque, à qual imprimiu uma assimilável dinâmica desde que ocupou esse cargo, em 2017. Dotado de uma visão estratégica clara e sólida para a Fundação e o Museu do Côa (ver, por exemplo, artigo que subscreveu na *Al-Madan* impressa n.º 22, em 2019), a sua perda antevia-se difícil de superar pela instituição e pela sua equipa de trabalho.

Felizmente, constatamos não ser isso que sucede, agora sob a gestão de Aida Carvalho, empossada em Março de 2021. A Fundação celebrou condignamente os 25 anos da criação do Parque Arqueológico do Côa em Agosto último, o Museu continua a proporcionar programas apelativos aos seus públicos e as equipas de investigação multidisciplinar instaladas na zona revelam frequentemente novas descobertas. Resultados e experiências foram partilhados, avaliados e debatidos com a comunidade científica nacional e internacional no 2.º *Symposium* do Côa, que o Museu organizou no passado mês de Dezembro, dedicando-o precisamente à gestão e conservação de sítios com arte rupestre. Mas, no plano científico, haviam ficado já evidentes na conferência proferida em Julho por três dos investigadores do Côa, André Santos, Miguel Almeida e Thierry Aubry, numa sessão organizada pela ADECAP - Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular cuja gravação pode ser consultada na Internet (<https://bit.ly/3rIY8B>). Conhecemos cada vez melhor os grupos de caçadores-recolectores que produziram as extraordinárias manifestações artísticas do Côa, o território e as condições ambientais em que o fizeram, bem como a sua integração num modelo cultural com vasta difusão regional.

Nas páginas desta *Al-Madan Online* ficamos agora a conhecer mais um achado excepcional, desta feita no sítio da Faia, onde, 18 a 20 mil anos antes de nós, alguém gravou habilmente um cavalo numa rocha granítica. É a primeira figura paleolítica conhecida nesse suporte em todo o mundo! O estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO ao Vale do Côa, em 1998, revela-se cada vez mais uma decisão de elementar justiça. O futuro reservar-nos-á seguramente novas descobertas, que consolidarão o sítio e o museu nos planos científico e museológico português e além-fronteiras.

Naturalmente, o Côa não esgota os temas que podem ser encontrados nas páginas seguintes. Trabalhos de arqueologia e antropologia biológica, a par de estudos de materiais e sítios patrimoniais de tipologia e cronologia muito diversificadas, complementados com noticiário de intervenções, eventos e edições recentes, proporcionarão seguramente boas horas de leitura.

Votos de que esta se faça com prazer e saúde, apesar das circunstâncias difíceis que continuamos a enfrentar.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2022

Os Judeus na África Romana

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Não se trata de perseguição nem de curiosidade mórbida o propósito de se tentar saber da dispersão de judeus pelo mundo desde os tempos mais antigos: é, também e primordialmente, uma questão histórica. Na verdade, sendo um povo sobre o qual impenderam, em muitos períodos, ameaças de extinção, o que os levou não apenas a demandarem o Egípto, com Moisés, mas igualmente outras paragens, uma vez que a Terra Prometida nem sempre lhes foi propícia nem propiciada, é natural que se tenha curiosidade em saber o que com eles se passou em tempos idos.

Justifica-se, pois, que Yann Le Bohec, natural da Tunísia, se haja interessado por traçar um quadro da presença judaica em África durante o período romano, sendo certo que não faltam estudos sobre a diáspora dos Judeus desde a Idade Média aos nossos dias.

Um “*estranho projecto*” este, confessa o autor, o de falar de um povo “*de múltiplas características, ora próximo, ora afastado da civilização romana clássica*” e que, por outro lado, agora se assume como nação para simultaneamente se assumir como religião.

São inúmeras as perguntas que se levantam sobre o tema e Le Bohec não hesita em as enumerar logo na página 17. Uma questão cronológica: quando é que os Judeus chegaram a África e em que períodos se multiplicaram? Depois, questões sociais, económicas, políticas, religiosas e até linguísticas: eram ricos ou pobres? Livres ou escravos? Cidadãos romanos? Como estavam organizados do ponto de vista religioso? Como se relacionavam com os cristãos e com o poder imperial? Mantiveram o aramaico e o hebraico ou usavam amiúde a língua grega?

Profusamente ilustrado, escrito de forma apelativa e de maquetização deveras atraente (as notas – 393! – foram remetidas para o fim do volume, a fim de só os mais curiosos e interessados as irem consultar e da leitura corrida assim se não perder o fio...), o livro, prefaciado por Mireille Hadas-Lebel, professora emérita da Sorbonne, distribui-se pelos seguintes capítulos: a história, a geografia, a economia e a sociedade, a religião,

as margens, os conflitos, a cultura (erudita e popular). Sugestivo, esse tema das “margens”: as seduções mútuas entre judeus e africanos, do ponto de vista da religião; os agnósticos; os heréticos; a magia...

É curioso assinalar que, no final do prefácio, Mireille Hadas-Lebel tenha escrito: “*O autor deste livro faz falar as pedras e emergir do passado os Judeus de África com os seus nomes, condição social, práticas, cultura, proselitismo, as relações com os vizinhos politeístas e cristãos*”. *Fazer falar as pedras!* – mais uma vez, portanto, o relevante poder dos documentos epigráficos...

Uma população que chegou a África mormente a partir dos anos 70 (recorda-se a destruição do templo de Jerusalém pelas tropas do imperador Tito) e 136. Prosperou no século IV, ainda que tenha sido nesse século que mais perseguições sofreu (o Cristianismo fora proclamado religião oficial e o relacionamento entre cristãos e judeus nunca navegou em mar de rosas...), e instalou-se um pouco por toda a parte, embora não entre as comunidades berberes como se chegou a afirmar. Maioritariamente pobres, tinham a sinagoga como seu local de referência e a imagem do candelabro de sete braços (a menorá) sempre constituiu uma forma de se identificarem, por ser evocação do Templo, que, por sua vez, fazia lembrar Jerusalém e, pela cidade, a Judeia... Pensa Yann Le Bohec “*que eles sempre mantiveram a*



LE BOHEC, Yann (2021) – *Les Juifs dans l'Afrique Romaine*. Saint Macaire: Memoring Éditions. 120 pág. ilustr. ISBN: 979-10-93661-23-0.

esperança de um regresso à Palestina, como quem diz: «Para o ano, em Jerusalém nos encontramos!»” (p. 89).

Referência ainda à exaustiva bibliografia, que ocupa as páginas 104 a 115.

Escusado será, pois, afirmar que estamos perante um livro em que ao rigor histórico, alicerçado em longa investigação, se alia a didáctica simplicidade da linguagem escrita, apanágio só passível de existir num historiador de mui larga experiência.

Congratulo-nos! 🐘

novidade

GONÇALVES, Victor S. (ed.) (2022) – *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. Lisboa: UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Colecção Estudos & Memórias, 16).

